



CAPA

A FALA SOBRE UM PAÍS INEXISTENTE

UM CONSTRANGIDO MICHEL TEMER DISCURSA NA ONU EM CONTRADIÇÃO COM QUANTO PROMETE AO EMPRESARIADO INTERNACIONAL, SEM DEIXAR DE EXIBIR A FALTA DE SINTONIA COM O CHANCELER JOSÉ SERRA

POR ANDRÉ BARROCAL

Michel Temer estava nervoso ao estrear na tribuna das Nações Unidas. Mordia o lábio, coçava o rosto maquiado de *blush*, atrapalhou-se um pouco com o discurso escrito e o *teleprompter* ao comentar sua chegada ao poder. Nem notou – ao menos foi o que disse depois – quando certas delegações latino-americanas deixaram o recinto na hora em que ele fora chamado ao púlpito, um protesto contra o *impeachment*. Nos 20 minutos de discurso, citou posições clássicas da diplomacia brasileira, como a integração na América Latina, e outras mais recentes, caso da reforma do Conselho de Segurança da ONU. E aí quem deve ter se enervado foi o chanceler José Serra.

O choque entre presidente e ministro foi uma das marcas da passagem de Temer por Nova York nos últimos dias, uma dispendiosa viagem motivada justamente pela Assembleia-Geral anual da ONU, na terça-feira 20, sempre inaugurada pelo

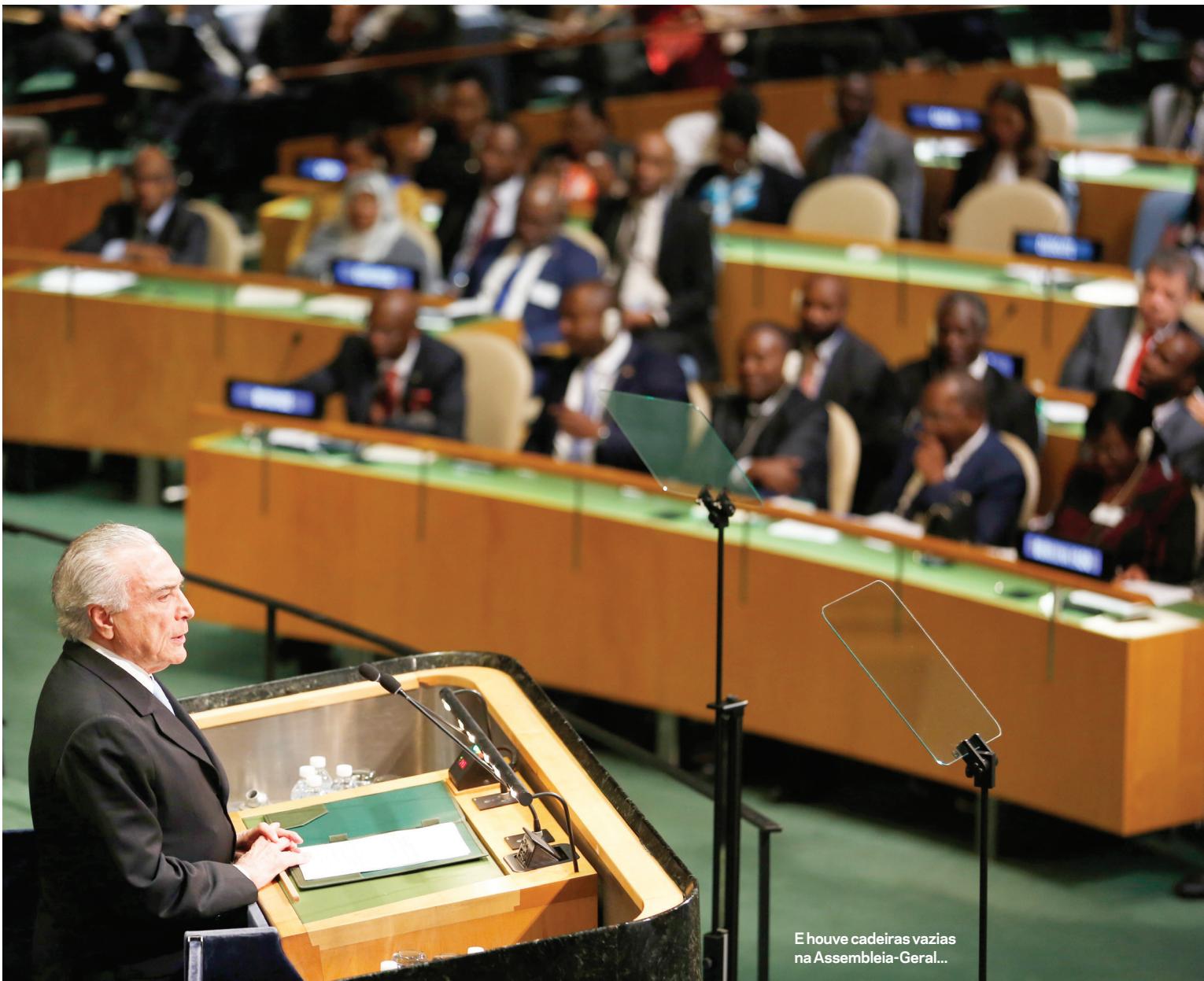


Moreira
Franco,
eminência
parda

Brasil. Serra foi ignorado na elaboração do discurso presidencial, viu Temer assumir posições conflitantes com as suas, deixou o chefe a esperar por uma hora em um jantar oferecido pelo peemedebista no domingo 18, não o acompanhou em uma histórica reunião global sobre refugiados no dia seguinte.

O *tour* de Temer teve ainda uma segunda marca. O Brasil possui dois presidentes, um para exibição em púlpitos, outro para consumo de endinheirados a portas fechadas. Em uma reunião-almoço em um hotel com empresários e gente do “mercado”, ele mostrou que a deposição de Dilma Rousseff não teve nada a ver com crime de responsabilidade. A petista, disse, não quis seguir um receituário proposto pelo PMDB,

NÃO HÁ MEMÓRIA DE UMA NAÇÃO QUE SE AUTOFLAGELOU EM PÚBLICO COM TANTO EMPENHO, GRAÇAS A SEU PRESIDENTE



E houve cadeiras vazias na Assembleia-Geral...

o Ponte para o Futuro, pacote de medidas neoliberais. “Como isso não deu certo, não houve adoção (*do pacote*), instaurou-se um processo que culminou agora com a minha efetivação.”

Ao comentar seus planos, Temer entusiasmou a plateia de 270 empresários, entre eles os CEOs da petroleira Chevron, da montadora GM e da alimentícia Cargill. Se na tribuna da ONU vestira o figurino de defensor de direitos sociais, aos investidores prometeu uma “reforma radical” da Previdência, mudanças na Legislação Trabalhista e congelamento de gastos com saúde e educação por 20 anos. Aceno de lucros gordos, com a esperança de atrair

capital estrangeiro para encerrar a recessão brasileira.

Outra isca foi um programa de 34 projetos de privatizações e concessões na área de infraestrutura, com o qual o governo espera arrecadar 24 bilhões de reais até 2017. O documento distribuído pelas autoridades brasileiras na terra do Tio Sam para apresentar o programa merece entrar para os anais diplomáticos. Frase inicial da papelada: “Como resultado de mio-pia ideológica e oportunismo político ao longo dos últimos anos, o Brasil ficou atulado em seus esforços para levantar fundos para a melhoria da nossa infraestrutura”. Alguma nação já se autoflagelou em público desta maneira?

O documento é obra da equipe do homem das privatizações, Moreira Franco,

idealizador do Ponte para o Futuro no passado e jurado de morte política pelo ex-deputado Eduardo Cunha no presente. Em entrevistas pós-cassação, Cunha dá pistas de como “pegar” aquele que considera o “cérebro” do governo. Segundo ele, se forem apuradas todas as safadezas na Caixa Econômica Federal, Franco cai. Ele antecedeu Fabio Cleto em uma vice-presidência do banco. Cleto era apadrinhado de Cunha, foi preso na Operação Lava Jato e fez uma delação premiada a apontar um propinoduto na liberação de verba do Fundo de Investimento-FGTS. Um fundo criado na gestão Franco.

Na viagem, Temer foi questionado por um jornalista em uma entrevista sobre se sabia de corrupção no governo do PT. Uma



CAPA

CRESER
Investment Partnerships Project

**Attracting investments to build
a country of opportunities**

As a result of ideological myopia and political opportunism, over the past few years Brazil was bogged down in its efforts to raise funds for the improvement of our infrastructure. The lack of legal certainty, the regulatory instability, poor management and excessive State intervention in the economy drove away private investors and prevented the conditions of our logistics and power sector from advancing at the necessary pace.

environment conducive to the realization of private investments.

The new guidelines will ensure that concessions are granted under a healthy spirit of competition on the part of entrepreneurs, and transparency and predictability on the part of the government.

They are:

dúvida pertinente, pois ele dirigia o PMDB no namoro e no casamento com petistas. Já a resposta... “Não, não sabia, é evidente. Vocês sabem que eu não tive participação no governo.” Um dia antes, o Ministério Público Federal em São Paulo ajuizara uma ação para anular um contrato do Porto de Santos que remonta a 2000, por indícios de fraude e cartel. O presidente do porto era na época Wagner Rossi, aliado de Temer, no cargo por indicação deste.

Escândalos à parte, o presidente aproveitou o encontro com os empresários, organizado pelo Conselho das Américas, uma fundação criada pelos bilionários da família Rockefeller, para dar outra boa nova à plateia. Em “brevíssimo tempo”, disse, haverá uma mudança na legislação petrolífera para permitir às multinacionais explorar o pré-sal sem a Petrobras. Um projeto de Serra, ressaltou. Prêmio de consolação ao chanceler escanteado.

Em Nova York, o chanceler tucano hospedou-se em um hotel só para ele, o Intercontinental, diferente daquele de Temer e outros ministros, o Plaza Athénée. O isolamento físico é uma pista sobre sua situação no governo e da

relação com o chefe. Serra não escuta diplomatas, não estuda assuntos de sua área. Em um vídeo gravado às vésperas de ir aos EUA, revelou desconhecimento sobre os BRICS – precisou de ajuda do entrevistador e de um assessor para citar os países-membros.

Cercou-se de assessores estranhos ao Itamaraty, inclusive um policial militar, Hideo Augusto Dendini, processado pelo massacre de 111 presidiários, em São Paulo, em 1992. Ao mesmo tempo, não faz questão alguma de entender a estrutura da chancelaria nem de conversar por ali. Diga-se que no Itamaraty não falta boa vontade no pós-*impeachment*. Consta que um chefe de departamento abriu um champanhe em seu gabinete no dia em que Dilma foi afastada provisoriamente pelo Senado, em maio.

Em quatro meses no cargo, o chanceler revelou-se em um criador de problemas, sobretudo nas cercanias. Por

**Um documento da sedução.
E as oportunidades prometidas
bem que podemos imaginá-las**

razões ideológicas, trabalha abertamente pela derrubada do governo Nicolás Maduro na Venezuela e até conseguiu, com um golpe jurídico, impedir-lo de assumir a presidência rotativa do Mercosul. Detalhe: a Venezuela acaba de assumir a direção do Movimento dos Países Não Alinhados, o velho bloco do “Terceiro Mundo”. Em sua cruzada anti-Maduro, Serra tentou “conquistar” o voto do Uruguai contra a Venezuela no Mercosul, razão para queixa pública dos uruguaios. Não surpreenderia certos ministros se alguém perguntar zombeteiramente quando o chanceler convocará tropas para invadir algum vizinho. Tampouco o fato de que o presidente tenha ignorado o tucano ao preparar o discurso da ONU.

EM NOVA YORK, O PRESIDENTE AMARGOU GRITOS DE "FORA TEMER" E "GOLPISTA", E AINDA A GREVE DOS SERVIDORES DO ITAMARATY



Mais afeito a encontrar com diplomatas, Temer aos poucos estabelece canais diretos com o Itamaraty, um *bypass* no chanceler. “A integração latino-americana” disse nas Nações Unidas, é uma “prioridade permanente” do Brasil, não importa que haja “em nossa região governos de diferentes inclinações políticas”. Também defendeu a reforma do Conselho de Segurança da ONU, onde na era petista o Brasil queria ter assento. Logo ao assumir, Serra apequenara o País e não dera importância ao tema. Para ele, a reforma não é “moleza”, é “briga de gente grande”.

O presidente também experimentou embaraços em Nova York. Ouviu gritos de “Fora Temer” e “golpista”, além de protestos de servidores do Itamaraty em greve há quatro semanas. Ficou a ver navios ao tentar um sonhado encontro com Barack Obama. Apesar do pedido do Brasil, esforço para encorpar a legitimidade de Temer, Obama não topou a reunião. Escalou o vice, Joe Biden. O peemedebista não se reuniu com o líder de nenhuma potência, algo comum com Dilma e o ex-presidente Lula nessas ocasiões na ONU.

O maior dissabor ocorreu no pronunciamento na Assembleia-Geral. Foi

boicotado por seis países latino-americanos. Uns deixaram o plenário quando Temer foi anunciado como orador, caso do Equador, outros só entraram no recinto após o discurso, como a Bolívia. O motivo? Reprovação à forma como o peemedebista chegou ao poder. Entre os que o boicotaram, estava a Costa Rica, uma nação longe de ser “bolivariana” e tradicionalmente alinhada aos EUA. Em um comunicado oficial, o governo costa-riquenho disse que a decisão de não ouvir Temer “obedece nossa dúvida de que, ante certas atitudes e atuações, se queira ensinar sobre práticas democráticas”.

O presidente da Costa Rica, Luis Guillermo Solís, até que tem certa afinidade com Temer. Entre 20 países das Américas, os dois são os mais impopulares, segundo um levantamento recente de uma consultoria mexicana, a Mitofsky. Solís tinha 10% de aprovação em agosto, após 27 meses no cargo, enquanto em julho, com três meses no Palácio do Planalto, Temer exibia 14%. Estaria aí a razão para o costa-riquenho criticar o *impeachment* ocorrido no Brasil? O secretário-geral da Organização dos Estados Americanos, o uruguai

Luis Almagro, cansou de dizer que a derrubada de Dilma sem crime de responsabilidade e com razões políticas seria um exemplo perigoso para mandatários impopulares da região.

Com Temer longe, o Congresso fez o primeiro ensaio geral do “acordão” destinado a proteger políticos que podem ser alvejados por delações premiadas de Odebrecht e OAS negociadas na Lava Jato. Em um teste relâmpago e semiclandestino, como antecipou *CartaCapital* na edição passada, levado adiante na segunda-feira 19 à noite na Câmara, o perdão ao caixa 2 eleitoral entrou na pauta por obra do primeiro-secretário, Beto Mansur, do PRB, a comandar a sessão naquele momento, mas saiu de cena diante da gritaria de partidos pequenos. “É uma vergonha!”, dizia Alessandro Molon, da Rede. “Um escândalo, um escárnio!”, para Ivan Valente, do PSOL.

O ensaio fez interessados no “acordão” saírem da toca. O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Gilmar Mendes, defendeu mudar a lei para deixar claro como o caixa 2 deve ser tratado. Deu seus palpites no mesmo dia que o presidente do Senado, Renan Calheiros, um secretário torcedor da anistia, arquivava dois pedidos de *impeachment* do magistrado. O ministro Geddel Vieira Lima, da secretaria de Governo, defendeu abertamente o perdão. E foi desautorizado por Temer em Nova York.

O presidente, aliás, tem se revelado um notável desautorizador de subordinados. Outro dia telefonou para o ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, e mandou-o retratar-se sobre declarações a respeito de jornada de trabalho de 12 horas. Traço de uma personalidade imperial, talvez. No início de setembro, o peemedebista contara ao jornal *O Globo* em seu gabinete presidencial: “Eu me sinto aqui como (*o imperador*) Carlos Magno”.

Presidente com ares imperiais, chanceler idem. Quanto tempo vai durar a relação? •